



LÍMIA

Revista mensal
ilustrada de letras,
ciencias e artes

Antonio Carneiro
1910-11

N.º 2.—Série 1.ª.—Novembro de 1910.—Director, João da Rocha.—Redacção e Administração, rua de S. Sebastião, 107.—Composta e impressa na tipografia de André J. Pereira & F.º, Rua de D. Luís.—Propriedade da empresa da *Límia*.—Viana-do-Castelo. ● ● ● ● ● ● ● ● ● ●

LÍMIA

Revista mensal ilustrada de letras, ciências e artes

VIANA-DO-CASTELO—(Portugal)



Sumário do n.º 2

Capa—desenho de António Carneiro

I—*Cristóvão de Utrecht*, por Sousa Vi-

terbo.

II—*A tempestade*, desenho do dr. Manuel Monterroso.

III—*Aos meus olhos* (versos), pelo dr. Teixeira de Pascoaes.

IV—*A morte do lobo*, por D. João de Castro.

V—*Quadra ilustrada* (versos do «Canto da Cigarra», de Augusto Jil), desenhos de Correia Dias.

VI—*Canto da róla no outono* (versos), pelo dr. Afonso Lopes Vieira.

VII—*Notas de onomatologia*. 1—*Villa Pouca d'Aguiar*, 2—*Tellões*, pelo dr. J. Leite de Vasconcellos.

VIII—*Ode pagã*, por Justino de Montalvão.

IX—*Aviação*, desenho inédito de Álvaro

Cerveira Pinto.

X—*A Republica Portuguesa*, por João da Rocha.

XI—PANORAMA: Os dois ultimos inventos de Edison; O «606» na doença-dosono; «Academie des Goncourt»; A esposição internacional de Turim; O maior navio do mundo; As cataractas do Niagára; Aeronautica.

XII—BIBLIOGRAFIA.

XIII—VÁRIA: Dr. Miguel Bombarda; Almirante Candido dos Reis, por C. Maria Pinto; Álvaro Cerveira Pinto (com gravuras), pelo dr. Luis Felipe; Omens portugueses.

Vinhetas de Cristiano de Carvalho.

Gravuras das oficinas de Cristiano de Carvalho.

TODA A COLABORAÇÃO É SOLICITADA

Os escritos e os desenhos publicados são de absoluta responsabilidade dos seus autores, a quem é dada a máxima liberdade de pensamento,—ficando, por isso, a revista franqueada a discussão.

Será respeitada a ortografia dos colaboradores que no-lo recomendem

Não é permitida a reprodução das gravuras e dos artigos insertos na «Límia», sem prévia autorização

Pede-se o envio das publicações que façam qualquer referência a esta revista

PREÇOS DA 1.ª SÉRIE

Assinatura — (seis meses)

Portugal e colónias—320 réis.

Brasil (assinatura directa)—2.500 réis (m. bras.)

Outros países da América do Sul—5 ps.

Espanha—3 ps.

França—4 fr.

Nos restantes países—5 fr.

Número avulso, em Portugal—80 réis

Pagamento adiantado. Despesas de cobrança por conta do assinante

Dirijir a correspondência para

«Límia» — Viana-do-Castelo—(Portugal)

Série 1.ª — Tomo I

VIANA-DO-CASTELO
(Portugal)

N.º 2 — Novembro, 1910



Director:

JOÃO DA ROCHA

Redactores:

JOÃO PÁRIS—CLÁUDIO BASTO

Secretário:

ALBERTO MEIRA

CRISTÓVÃO DE UTRECHT 176256

COMPRA

INDA á bem poucos anos que a vida de Cristóvão de Utrecht era tam embrulhada e tam obscura que quem desse absoluto crédito às asserções dos seus biógrafos não tardaria a resvalar nos despenhadeiros do anacronismo e do erro. Um documento tirado do arquivo do Santo-Ofício, e que eu fui o primeiro a dar á publicidade, veio dissipar algumas trevas e fiesar alguns dados positivos.

Assim ficámos sabendo que êle residia em Lisboa em 1537, morando, juntamente com sua mulher Ana Rodrigues, na Mouraria, freguesia de Santa Justa. Sua mulher era certamente portuguesa e ao que parece de baixa estirpe, a ajuizar pelo seu depoimento, quando foi denunciar perante o Tribunal da Inquisição, a 18 de fevereiro daquele ano, uma vendedeira da praça da Ribeira, à qual fôra comprar uma saca de carvão. (1)

Em outro documento da mesma orijem se faz tambem referênciã a Cristóvão de Utrecht, não dando infelizmente nenhum pormenor novo ou de valor para a sua biografia. Em 8 de janeiro de 1541, Pêro Rodrigues, carpinteiro de marcenaria, morador em Lisboa, no adro de S. Cristóvão, foi intimado pelo Santo-Ofício a denunciar as pessoas de quem soubesse averem praticado ou dito alguma coisa contrária à *nossa santa fê*. A sua primeira delação recaiu sôbre Domingos Ferreira, clérigo de missa, filho de Martim Fernandes, pintor, residente em Sintra. Neste caso envolvem-se diversas pessoas, cujas práticas versam sôbre assuntos de alguma importância, demonstrando que os interlocutores eram indivíduos de certa instrução, possuindo um dêles uma Bíblia e outros livros ebraicos.

Outra parte da sua denúncia recaiu sôbre um Domingos Carvalho, pintor, que morava à Sé. Carvalho convidou o denunciante a comer, convite que não aceitou, dizendo que jejuava. A isto acudiu Cristóvão de Utrecht, pintor, dizendo que Deus *nunca tolhera que comessem, nem mandava que jejuassem*.

Êste episódio, conforme o depoente, passara-se avia quatro anos, vindo portanto a recair em 1537, ano em que o pintor olandês já nos era conhecido. O que se ficou sabendo agora foi um pouco da sua ortodoxia ou antes eterodoxia, acêrca dos jejuns, o que não é para estranhar, sendo êle olandês.

A labareda da Reforma não alastrou com intensidade entre nós; não chegámos a produzir nenhum rival ou discípulo-amado de Lutero ou de Calvino, mas, em compensação, lavrava em todas as classes, até nas mais umildes, o espirito

(1)—Veja-se *Notícia de alguns pintores...* 1.ª parte, pág. 150.

das discórdias religiosas, soprando com frequência os ventos da heresia. Duas causas essenciais concorriam para este resultado: a irreductibilidade dos cristãos novos, que não sabiam abafar no íntimo do peito as crenças da sua raça, e o contacto com os estrangeiros. A barreira do fanatismo, por mais elevada que fosse, não podia obstar à corrente das ideias novas. Apesar dos vexames e perseguições inquisitoriais, as blasfêmias mais encandecentes explodiam na boca da plebe.

Diz-se que D. João III era um fanático, e todavia numerosos factos da sua vida e do seu reinado estão em flagrante contradição com o carácter que jeralmente lhe atribuem. A sua corte assistia prazenteira à representação dos autos de Jil Vicente, em que se chacoteava a clerezia e a Roma venal dos Pontífices, a grande feira das mercadorias espirituais. Reformando a Universidade, chamou de diversos países alguns notáveis professores, que não vinham de certo imbuídos das mais sãs doutrinas. Por intermédio de André de Resende chegou a convidar Erasmo, que tam adversário se mostrou das Ordens monásticas. Se o luteranismo não se enraizou em Portugal, o erasmismo teve aqui valiosos prosélitos. Como explicar esta dualidade de sentimentos e de ideias a não ser pela incerteza e confusão de todas as consciências, que mal sabiam prevêr o dia de amanhã?!

Os livros das Denunciações e os Processos inquisitoriais são outras tantas fitas animatográficas, onde se vem reflectir a vida da sociedade portuguesa no século XVI, tam devota e tam convulsa, tam intrigante e tam temente a Deus, tam cheia de fé e de descrença.

Voltemos a falar de Cristóvão de Utrecht, que só nos torna a aparecer de modo indiscutível uns trinta anos depois das datas acima referidas.

Tinham as cortes portuguesas oferecido a el-rei D. Sebastião um serviço de quarenta mil cruzados, para o qual Lisboa contribuiu com a sua cota parte. Para este efeito lançou-se uma finta sobre os seus moradores não privilegiados, pagando cada um, segundo os seus averes. Esta contribuição não podia ser lançada ao acaso, sem base segura, e por isso se procedeu a um arrolamento em que se designaram os indivíduos, moradas e teres, para depois se deduzir de aí o que proporcionalmente lhes coubesse. Existe ainda no Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa o respectivo documento, cujo título é o seguinte:

«Livro do Lançamento e serviço que a cidade fez a Elrei nosso senhor».

A fl. 409 lê-se esta verba:

«Título da fregesia de Sm. Xpu^{as}»

Rua do Chan do Loureyro com suas traueças»

«It Xpu^{as} Dutreque é casas do mosteiro de nossa Senhora da Graça avaliado em quarenta mil reaes paguará..... 280 reaes»

O rol deste lançamento foi entregue pelos sacadores (os que foram de porta em porta cobrar as fintas) em 7 de agosto de 1566; o trabalho começara um ano antes apossimadamente.

Estas informações foram publicadas pelo sr. Gomes de Brito no n.º 4:042 das *Novidades* de 9 de junho de 1897. Prossequindo em novas pesquisas, o mesmo sr. verificou que o prédiozinho de acanhadas dimensões, em que residia Cristóvão de Utrecht, ainda existia em 1756, achando-se descrito no Tombo da cidade, mandado fazer pelo marquês de Pombal, após o terremoto.

Está pois comprovada a existência em Lisboa de Cristóvão de Utrecht nos anos de 1534 a 1566. Aqui residiria abitualmente, saindo para qualquer ponto do país todas as vezes que a isso o obrigasse qualquer incumbência ou necessidade de serviço.

A TEMPESTADE



—Sinto-a apossimar cada vez mais!...

(Desenho do DR. MANUEL MONTERROSO)

Da sua actividade artistica é que se não conhecem provas irrefutáveis, nem trabalho nenhum que lhe possa ser incondicionalmente attribuido.

O Conde de Riezynski imaginou ver o seu monogramma nuns quadros de Évora mas não sei se esta descoberta foi sancionada por outros peritos.

Pretendem que seja do pincel de Cristóvão de Utrecht um quadrozinho existente no Museu das Janelas Verdes, e que supponho ter vindo da Galeria Farrobo, no qual se acha a effigie de D. Vasco da Gama. Ora este partiu para a Índia, pela última vez a 9 de abril de 1524, onde faleceu a 25 de dezembro do mesmo ano; se Cristóvão fôsse o autor do quadro seria necessário recuar dez anos, pelo menos, a sua estada em Lisboa. A iconografia de Vasco da Gama funda-se oje sobre aquele retrato; eu não teria a audácia de a lançar por terra, ou de a pôr sequer em dúvida. Que importa que seja mais convencional que verdadeira? Aceitemo-la pois, sem escrúpulo, embora um dia apareça outro retrato mais autêntico, o que julgo se não impossível, pelo menos de grande dificuldade.

O retrato que existe no palácio do governo em Goa poderia servir de confronto e de contraprova,—mas que confiança merece um retrato feito de reminiscência e por um curioso como Gaspar Correia?

Paulo Jóvio mandou executar em Roma uma galeria, em que estavam representadas as personagens mais célebres de todas as épocas e de todos os países. Os portuguezes, esceptuando Tristão da Cunha, faziam-se notar pela sua ausência. Custa a crer que assim succedesse, quando os nossos descobrimentos e conquistas faziam o assombro do mundo, e quando os próprios Pontífices não se fartavam de elojiar, pelas suas proezas e vitórias, os nossos monarcas.

Benfica

SOUSA VITERBO

Aos meus olhos

*Sem descanso, meus olhos, viajai;
Ide atravez da noite mais cerrada;
N'um astro, n'uma flor investigai,
Ide aprender a ler n'uma alvorada!*

*Tornai fertil a terra desolada,
A solidão mais triste povoai;
N'uma canção de amor illuminada
A noite d'esta vida transformai!*

*Andai essa distancia pequenina
Que existe entre uma estrella diamantina
E uma gotta de orvalho que reluz;*

*Percorrei toda a estrada de verdade
Que d'uma flôr vai dar a uma saudade,
E alcançareis então a eterna Luz!*

Amarante, 1902

TELXEIRA DE PASCOAES

A morte do lobo

(Excerpto d'uma novella inédita)

FOI em um sabbado de Dezembro, já proximo o Natal, que o carro do Tórto, regressando da feira de Villa Verde com alguns contractadores de gado, deixou Maria Ignez em uma das mais ermas curvas da estrada de Godinhaços. Trazia uma grande mala ingleza, de pregaria brilhante, uma chapeleira de cartão e ainda um sacco de viagem, pequeno e lustroso, de couro da Russia.

Abandonada nesse sitio, que lhe tinham indicado como o mais proximo da casa de seus paes, a pobre rapariga, alindada pela commoção e pelo lucto, dispersou em torno de si um lento e quasi inconsciente olhar de naufrago. Para o sul, dominando a estrada, a montanha elevava-se, erriçada de matos e pedregulhos, e profundamente lacerada pelos enxurros inverniços. Do lado contrario, para baixo, o mesmo aspecto asselvajava uma parte da ladeira, mas em seguida algumas árvores appareciam desordenadamente: carvalhos ainda mal despidos da sua folha amarella e pequenina, sobreiros e pinheiros com o verde triste e sempre vivo da sua ramaria espessa; depois, rasteiros vallados de pedra solta, retalhando os matagaes, começavam a reprezar essa onda de vegetação bravia. Mais abaixo, a proximidade do valle amenizava a terra de culturas; os longos prados côr de esmeralda repetiam-se então, golpeados de aguas, demarcados por altas árvores avidadas—e por entre elles, bordada pela fina renda dos salgueiros nús da margem, a corrente do Neiva, branca de espuma, engrossada por chuvas e nevadas, tinha a impetuosidade d'um animal que foge.

Essa terra, onde nascêra, parecia a Maria Ignez um paiz de degredo. Os seus olhos, já deshabituaados da solidão, sondavam o valle immenso e as montanhas distantes, como um soldado ferido espreita um campo de batalha coalhado de cadaveres. Um medo irraciocinado infantilizava-a. E a lembrança de que nunca mais—nunca mais!...—reconquistaria a antiga felicidade, encheu-lhe subitamente os olhos de lágrimas.—Que iria fazer nessa aldeia selvagem, onde a sua estiolação de planta mimosa não commoveria ninguem?... Creada longe da familia, nem mesmo com a estima dos seus podia já contar. Sentia-se mais infeliz que uma orfã. O seu infortunio desesperava-a como o castigo d'um crime que não commettera.

O sol tinha desaparecido por detraz d'uma confusa massa de arvoredos longinquo, que os seus ultimos reflexos perfilavam d'oiro. O valle enchia-se d'uma sombra tenue, que o fumo dos casaes ia pouco a pouco adensando; apenas em frente os cerros de Sabroso e da Boalhosa prendiam na sua crosta de tojo e urze algumas manchas pálidas de luz.

Maria Ignez, só, na estrada deserta, assistia á invasão da noite—e a sua perplexidade penetrava-se já de angustia. Via em baixo, na faldá do monte, o telhado escuro do casebre de seus paes, mal distincto sob a nuvem de fumo que o coroava; cria divisar o córrego estreito e tortuoso que lá a conduziria; mas como transportar consigo essa grande mala onde guardava tudo que possuía?... Alarmada, vendo o céu escurecer-se cada vez mais, sopesou-a por uma das argolas, pensando talvez em arrastá-la sobre o áspero tojo da encosta... Mas os seus braços logo descaíram, impotentes e doridos.—Que fazer?...

A sombra da noite ia toldando o céu; apenas no poente, através d'uma vasta laceração de nuvens negras, sangrava um derradeiro reflexo de sol desaparecido. E ninguem passava! Não via ninguem!... Ali presa, paralyzada pelo terrôr, occorriam-lhe historias sinistras que outrora ouvira contar nos serões de Insalde... Era naquelle sitio que os salteadores da vizinhança esperavam, na época das grandes feiras, alapados na sombra da ribanceira, os lavradores aprovisionados com o producto dos bois vendidos... Maria Ignez tremia. A montanha parecia-lhe cheia de espectros. Angustiada, lembrou-se de clamar por socorro. Abeirou-se da ladeira e, inclinada para o valle profundo, onde já nem distinguia o telhado fumacento da casa paterna, gritou:

—Minha mãe! Minha mãe!...

Mas logo se calou, desesperada. A sua voz perdia-se, apagava-se, como se as brenhas da serra a absorvessem.

—Oh, meu Deus! Meu Deus!—soluçou, angustiada.

Tinha os olhos velados de lágrimas—e já quasi se não atrevia a volvê-los em torno de si. A escuridão augmentava sempre. O frio, um d'estes frios seccos de Dezembro, que o vento do norte lamina e brande cruelmente, como que arripiava tudo. No céu nuagento, avivavam-se algumas estrelas.

E foi então, ao cabo de alguns minutos de exhaustiva perplexidade, que Maria Ignez se lembrou subitamente do tio Areias, um velho maniaco que havia quarenta annos vivia nos montes com o seu rebanho de ovelhas, vestido de farrapos, alimentando-se de borôa dura e leite, e fazendo, sem nunca acabar, um berço de vimes para um filho que lhe morrêra creancinha. No verão, dormia ao ar livre, entre os seus animaes, sob a vigilância d'uma cadella coelheira, a *Gloria*, com a qual elle repartia fraternalmente os seus mantimentos; no inverno, porém, apenas o sol declinava, descia o monte e vinha pernoitar com as suas ovelhas e a sua cadella em um casebre mal telhado, que um lavrador de Pedregas lhe cedia em troca de estrume do curral. Esse casebre ficava quasi na linha da estrada, perto do sitio em que Maria Ignez se achava. Ella lembrava-se. Ao cabo de alguns segundos, orientando-se, distinguu a sombra confusa dos dois velhos sovereiros que flanqueavam a choupana.

—Vou lá! Vou chamá-lo!—murmurou, procurando com essas palavras despertar em si a energia que lhe fallava.

Enervadamente, occultou a chapeleira em uma moita de codeços, arrastou, com um esforço desesperado, a grande mala para a borda da estrada—e, arripiada de susto, correu para o lugar onde via negrejar os dois sovereiros, pisando a terra de leve, receosa do rumor que os seus passos faziam. Em breve descobriu o casebre do tio Areias, escuro, acocorado sob a ramaria espessa dos sovereiros, alandorado quasi na aresta da ribanceira; mas, desnorreada pelo susto, procurou debalde a estreita garganta do caminho que lhe dava accesso.

—Oh, meu Deus! Meu Deus!—repetiu ella, vagueando aturdidamente em frente d'essa muralha de terra saibrosa. E, já buscando uma esperança nova, chamou:—Tio Areias! Tio Areias!

Esperou um segundo, offegante, os olhos no alto, depois tornou:

—Tio Areias! Tio Areias!

Em cima houve um breve rumor, como se alguém se aproximasse cautelosamente. Ella então, crendo que o velho pastor, desconfiado, sondava a escuridão, exclamou:

—Sou eu, tio Areias! A Maria Ignez!

Ninguém lhe respondeu. Comtudo, o ruido que pouco antes sentira, accentuou-se, definiu-se: alguém afastava maciamente os giestaes e codeços que se emmou-tavam em cima, na borda da ribanceira. Ella, mais encorajada, fallou de novo:

—Tio Areias! Sou eu, a Maria Ignez, a filha do Varandas! Queria ir para casa... Perdi-me... Acuda-me, tio Areias!

Calou-se, anciosa. Escutou. O silencio da noite pareceu-lhe semelhante a um lençol de chumbo que amortallhasse o globo.

—Enganei-me...—balbuciou, comsigo.—E' alguma ovelha que ficou fóra.

E mais convencida agora do que o tio Areias estava com effeito no casebre, de novo procurou caminho para lá chegar. A terra amarellenta, permeada de grossos veios de granito, erguia-se porém deante d'ella, inteiriça, bravia, com os seus três metros de altura, como muralha inexpugnável. E comtudo, Maria Ignez lembrava-se d'uma passagem estreita, escadeada na terra dura, onde ella e os irmãos costumavam rebolar-se alacrememente, quando outrora, ainda creancinhas, o pae os mandava, com grandes saccoes de tomentos, apanhar as landes que caíam dos carvalhos da serra.

Devia ser perto d'ali...—Procurava, affligia-se—e os segundos que se escoaram nessa busca desnorreada foram longos como horas para a sua impaciencia. Afinal, junto ao espigão d'uma penha, achou a bocca d'um caminho estreito como o sulco d'uma charrua—e, escorregando na terra resvaladiça, picando as mãos mimosas nas silvas e no tojo rasteiro, insensível á dor e á fadiga, conseguiu attingar a lomba da montanha. Viu então, muito perto, circuitada de giestaes, sob os dois grandes sovereiros, o casebre do tio Areias. E já corria para a portinha esconsa, que se acocorava, remendada de casqueiras, sob uma padieira rachada, prestes a ruir, quando sentiu um rumor semelhante ao que, pouco antes, na estrada, alvoroçára a sua esperança. E logo, do interior do curral saiu um balido

de ovelha, que se perdeu como um soluço no silencio da noite.

—Tio Areias!—chamou de novo Maria Ignez.

Estava junto da porta. Ia bater. Mas de repente viu na sombra dois olhos que a fitavam, phosphorescentes, immóveis, sinistros. Ao mesmo tempo, uma respiração entrecortada e forte de animal que fareja chegou-lhe aos ouvidos.

—Gloria! Gloria!—exclamou docemente Maria Ignez, suppondo que era a cadella do velho pastor. E logo a seguir, como o animal se não movesse, bateu na porta do pardieiro duas pancadas breves, repetindo:—Tio Areias!

Subitamente, Maria Ignez viu abaxarem-se e depois elevarem-se as duas brasas vivas dos olhos que a fitavam—e logo o embate d'uma aggressão imprevisita a fez cambalear. Soltou um grilo; comprehendeu. Era um lobo! E, desvaiada, crendo sentir já em uma perna os dentes da fera, empurrou a porta com desespero. Dentro, um cão ladrou, uivadamente, e os balidos das ovelhas succediam-se, mais soluçados, mais afflictivos...

O lobo aquietara-se um instante, escutando esses ruidos, attento, as orelhas afiladas... E de repente, guiado pela voz lamentosa das ovelhas, afastou-se e foi farejar o interior do curral, introduzindo o focinho agudo em um pequeno buraco que havia na parede.

Maria Ignez, instinctivamente, deu um novo empurrão á porta; mas o lobo aproximou-se outra vez, e ella, sem saber o que fazia, fugiu, embrenhou-se nas giestas que rodeavam o casebre. Na aresta da ribanceira, prestes a despe-nhar-se, gritou:

—Soccôro! Soccôro!

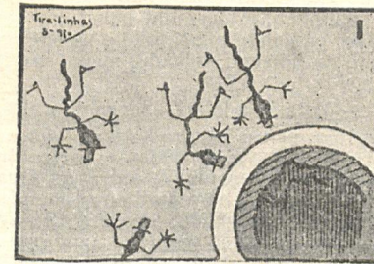
Com o olhar semi-louco, sondava febrilmente a sombra, resolvida a precipitar-se na estrada se o lobo a perseguisse. De subito, uma exclamação semelhante ao regougo d'uma praga, reanimou a sua esperança. Gritou outra vez:

—Soccôro! Soccôro!

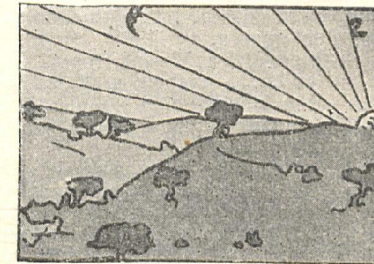
Maria Ignez ouviu a porta do curral, após um breve rangido, bater violentamente na parede, com um tilintar de ferragens. Seria o pastor?... Seria o lobo?... Anciosa, escutou. Por fim, uma grossa voz de homem bramiu:

—Ah, és tu meu...—e uma obscenidade trivial concluiu a phrase.—Vamos lá vêr se me escapas hoje tambem! Maria Ignez, immovel, escutava. A

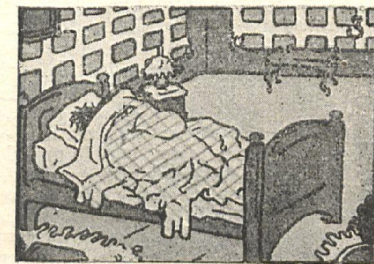
Quadra ilustrada



Quando tu foste jerada



Pôs-se o sol, nasceu a lua.



Estava tua mãe deitada,



Andava teu pai na rua.

(Versos do "Canto da Cig., de Augusto Jil)

(Desenhos de CORREIA DIAS)

voz não era a do tio Areias. Quem seria aquelle homem?...

Um clarão relampejou de subito na obscuridade, e logo o estampido d'um tiro retumbou, prolongado pelo echo como a descarga d'um pelotão. Maria Ignez, então, perdendo quasi todo o receio, avançou para a porta da choupana e viu um vulto de homem, delgado, meão, sumir-se outra vez dentro do curral, precipitadamente.

—Mataria o lobo?—perguntou ella a si mesma.

Não, não o matára! Alongando a vista habituada á escuridão, viu-o immovel, um pouco mais distante, perto d'uma mouta de codeços, espreitando o curral desconfiadamente. E, outra vez aterrada, perguntava a si mesma se devia fugir ou refugiar-se no pardieiro, quando viu o homem apparecer de novo, a cabeça nua e desgrenhada, uma grande navalha entre os dentes, acabando de enrolar em torno do braço esquerdo uma grossa e já róta manta de farrapos.

—Onde estás tu, ladrão?...—rugiu elle, já com a navalha na dextra, inquietando a treva.

Maria Ignez, apavorada pela visão da lucta que ia presenciar, fez um movimento para detê-lo. Elle, cuidando que o lobo se aproximava, deu um salto e pôz-se em guarda.

—Quem está ahí?—interrogou, enxergando o vulto da rapariga.

—Sou eu...—respondeu Maria Ignez, aturdida, a tremer.—O lobo está aco-lá...—E indicou-lhe o animal que, já meio emboscado nos codeços, continuava a espreitar o curral com a tenacidade d'uma fera faminta.—E' melhor assustá-lo, fazê-lo fugir!...

O homem quedára-se, assombrado. Como viéra ali parar aquella mulher, sô-sinha, indefesa, vestida como as senhoras da cidade? Maria Ignez, por seu turno observava-o tambem. Devia ter trinta annos; uma barba escura e crespa cobria, lhe o rosto queimado do sol, onde dois olhos vivos brilhavam profundamente.

Maria Ignez presentiu a desconfiança com que esse moço selvagem a encarava, e explicou rapidamente:

—Sou a Maria Ignez, a filha do Varandas... Cheguei hoje de Lisboa... A noite apanhou-me no monte... Tive medo; vim procurar o tio Areias...

Um rugido, um latido de dor, coitavam abruptamente aquella explosão de palavras. O homem voltou a cabeça, soltou uma imprecação e correu para a mouta de codeços, onde o lobo desapparecera.

—Deixe-se ficar ahí! Não tenha medo!—gritou elle, já longe.

Ligeiro como um gamo, em breves segundos attingiu a mouta. Na espessura, os latidos continuavam cada vez mais debeis... O homem comprehendeu. A fera conseguira aferrar o seu cão de guarda, um castrolabreiro ainda adolescente, e trucidava-o. A raiva e a dor cegaram-no. Sem calcular os perigos de tal temeridade, internou-se na mouta, clamando:

—Ah, grande ladrão, vaes pagá-las todas!

O lobo, sentindo-se perseguido, escoava-se entre a rama aggressiva dos codeços sem largar a presa; mas como a mouta, d'aquelle lado, entestava com altas penhas inacessiveis, a fera achou-se por fim, irremediavelmente, face a face com o seu inimigo.

Então, methodicamente, com uma serenidade quasi ironica, poisou o corpo ainda palpitante do cão, lambeu o focinho tingido de sangue, e quedou-se olhando fixamente o homem. Este, adeantou-se, offerecendo-lhe o braço protegido pela manta, a navalha prompta para o golpe... Mas o lobo continuava immovel—e, na fixidez dos seus olhos luzentes, parecia lêr-se o desprezo d'aquelle provocação. O homem aproximava-se cada vez mais... Por fim, enervado já pela impassibilidade da fera, alvejou-lhe o pescoço com um golpe subito. O animal então pulou para o lado, rugindo; e como a violencia do impulso fizera quasi cair de borco o seu adversario, apanhou-lhe o dorso de través, com uma patada, e procurou-lhe a nuca com os dentes. O homem sentiu junto das orelhas a respiração forte do lobo e debateu-se com ancia. Durante um momento, creu-se perdido. Sentia as costas empapadas em sangue, uma dor muito viva na espadua esquerda. Mas o seu movimento desesperado tão rapido fôra que o libertara. E então, mais rajoso ainda, decidido a morrer para matar, de novo se pôz em guarda. O animal, ao primeiro gesto de ataque, mostrou os dentes, rugiu outra vez; o pastor offereceu-lhe o braço esquerdo—e logo sentiu, através da grossa manta que lh'o defendia, a pressão d'uma horrivel mordedura. Um instante se debateram: o homem

despedindo golpes ao acaso, o lobo evitando-os em saltos ágeis, sem largar o braço, procurando avidamente sangue. A final, o pastor, conseguindo voltar para cima a ponta da navalha, vibrou-lhe profundamente, abaixo da gorja, dois golpes successivos, que fizeram cambalear a fera. Um jacto quente de sangue ensopou-lhe a mão fremente. O lobo, estertorando, apertou ainda mais as mandibulas. O homem soltou um grito: sentira os dentes do animal penetrarem-lhe na carne, através da manta. Visou-o então com outro golpe e sacudiu o braço com violencia. Nem assim conseguiu libertar-se. A fera, ralando, o pescoço estendido, o pelo hirsuto, as pernas já sem vigôr, pendia, quasi suspensa pela dentuça férrea, do braço que aferrára. Então o pastor, largando a navalha, assentou-lhe de alto, no crâneo, a grossa mão fechada. O lobo cambaleou, a pressão da mordedura diminuiu, e o seu corpo magro tombou por fim sobre os codeços esmagados pela lucta, a bocca ainda aberta, os beiços arregaçados—vencido mas indomado!

Lisboa.

D. JOÃO DE CASTRO

Canto da rôla no outono

*O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...*

*São os gemidos do vento
que se perdeu no caminho;
é o seu lento lamento.*

*O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...*

*O vento passa, gemendo,
e as folhas secas são prantos
nas faces do ar correndo...*

*O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...*

*Nos ramos se inleia agora
o vento, que anda perdido
e, já de cansado, chora...*

*O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...*

*Anoitece de mansinho,
e o vento pergunta aos ares
por onde fica o caminho?*

*O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...*

*A noite negra fechou-se;
e o vento, de baixo de ella,
adormecendo, deitou-se...*

*O sussurro dos pinhaes
murmura, longo murmura
seus compridissimos ais...*

(Inédito, das *Cantões do Vento e do Sol*)

AFFONSO LOPES VIEIRA

1. VILLA POUCA D'AGUIAR

O nome d'esta villa deve ter sido primeiro apenas *Villa Pouca*. Depois juntou-se-lhe *d'Aguiar*, para a distinguir de outras povoações denominadas d'aquelle modo.

VILLA POUCA quer dizer «quinta pequena». Em épocas antigas *villa* não tinha a significação que hoje tem de «cabeça de concelho ou de julgado»; tal significação é posterior á de «quinta», a qual provém do latim *villa*.—O adjectivo *pouco* teve outr'ora a significação de «pequeno», como o provençal *pauc*, por exemplo neste verso de Bertran de Born, ed. de A. Thomas, p. 54: «Del *pauc* rei de Terra Major».—É vulgarissima no onomastico a designação de *Villa Pouca* nas provincias do Norte e Centro de Portugal. (1) No Sul é mais rara, certamente porque, quando os primeiros reis conquistaram as terras meridionaes, já *pouco* e *villa* haviam perdido as referidas accepções.—AGUIAR quer dizer na origem «local onde ha aguias», «ninho d'aguias»: formou-se do lat. *aquila*, isto é, de **aquila* *re-*, e por isso tem *r* final, segundo uma lei bem conhecida da phonetica latina. A *Aguiar* corresponde *Aguilar* em hespanhol, palavra que tambem passou para Portugal, como apellido, onde concorre com *Aguiar*.

2. TELLÕES

Na idade-media designava-se muitas vezes uma quinta ou *villa* com a adjuncção do nome do possuidor em genetivo, por exemplo, *villa Margariti*, *villa Vimarani*, *villa Midonis*, d'onde hoje: MARGARIDE, GUIMARÃES, MIDÕES.

Nome vulgar naquella epoca era *Tello*, que se lê, por exemplo, nos *Diplomata et Chartae*, pag. 8, num documento do seculo IX: *Tello Teonanizi*; pag. 44, num doc. do sec. X: *Tello Tendariz*. Tambem ha *Tellon*, p. 99 (sec. X), *Teloni*, p. 175 (sec. XI). O genetivo era naturalmente *Tellonis*. Se queria indicar-se uma «quinta de *Tello*», dizia-se pois: *villa Tellonis*, d'onde sahio *Tellões* (2), nome de uma aldeia no concelho de Villa Pouca d'Aguiar, e de outra no concelho de Amaranthe.

No concelho de Villa Pouca ha mais nomes que provém de genetivos, como AFFONSIM, de Alphoncini, isto é, *villa Alphoncini*, e GOUVÃES, parente de *Gouviães*, a que na idade-media corresponde *Gouviães*. O proprio nome AMARANTE é um genetivo: *Amaranti*, de *Amarantus*; e no respectivo concelho ha tambem: ABOIM, de *Abolini*; ANSIÃES, de *Ansilanis*; CANDOMIL, de *Candemiri*; JAZENTE, de *Hyacinthi*; SANCHE, genetivo correspondente a «Sancho».

Muitos outros nomes em *-ões* devem ter a mesma explicação que *Tellões* (e *Midões*), mas não posso agora desenvolver o assunto.

Lisboa, Outubro de 1910.

J. LEITE DE VASCONCELLOS

(1)—Bastava isto para fazer rejeitar a opinião dos que, baseando-se em uma inscripção latina que tenho por apocripa, imaginam que *Villa Pouca d'Aguiar* vem de *Cauca*! Ora *Cauca* ficava na Hespanha; corresponde-lhe hoje *Coca*. Além d'isso *Cauca*, segundo as leis da lingua portuguesa, não podia dar *pouca*.

(2)—Cfr. P. A. d'Azevedo na *Rev. Lusitana*, VI, 49.

LEMBRO-ME das horas da Galeria dos *Uffizi* como das mais religiosas que tenho vivido.

De todos os cultos que me ensinaram na infancia, o unico que conservo é o da belleza. Ávida de fé, a minha alma carregada de ardor para vibrar até ao fanatismo, refugia-se na arte e na natureza, como a dos crentes d'outr'ora, nos conventos. Esta facultade de me comover ao espectáculo das côres e das linhas harmoniosas, fez sempre a minha maior voluptuosidade. E nascido felizmente sem o egotismo dos ideologos e dos mysticos, que tudo concentram no ser intimo, alheados das apparencias e das formas, abenço a ordem das coisas que me fez diferente dos outros.

Como Theo, posso dizer, com o orgulho que vem da consciencia dos nossos sentidos: «Para mim, o mundo exterior existe!»

Isolarmo-nos na esteril analyse das nossas mesquinhas dôres, dissecar, subtilisar, complicar a existencia—que illusão doentia, que onanismo sentimental, quando em volta de nós se desenrola prodigiosamente a vida infinita das coisas e dos seres! Em lugar de enroscarmos a nossa sensibilidade, como a serpente symbolica, mordendo a propria cauda, e de nos lamentarmos amargamente como o Job biblico, sobre o que nos faz soffrer, o que devemos pedir á existencia é que perpetuamente se renove e agite. E sentindo que em nós renasce, cada dia, esta força altiva de sentir, construímos para nosso uso, com as melhores imagens, um sonho de vida ideal, que nos faça esquecer a monotona vulgaridade da real.

Para não cairmos no inevitavel desanimo que paralyza ante o horror de envelhecer e a desoladora consciencia do nosso incessante avanço para a morte, aproveitemos todas as occasiões de nos comovermos, de exaltarmos até á febre as nossas sensações.

Na vida, ou na arte, a minha sympatia nunca foi para os que hesitam, tacteando como os cegos, sem se atreverem a dar um passo, com medo de se despeñarem em abysmos illusorios.

Viver! Sentirmo-nos viver! A unica realidade é esta! Contemplemos cada manhã a vida com um olhar mais ardente de fé, como se cada novo dia ella renascesse para o nosso desejo, com uma apparencia nova. A felicidade consiste, não em possuir, mas na constante aspiração de realisar. Que importa sabermos que ella não existe completa! É quando mais apaixonadamente aspiramos, que mais nos aproximamos d'ella. Scepticos e crentes, ao mesmo tempo, saibamos que ser feliz é desejar sel-o. Não é entristecendo-nos inutilmente ante o espectáculo dos nossos pequenos melodramas subjectivos, mas em procurar sempre com maior ardor o prazer, que attingiremos a unica felicidade que a vida nos oferece: a de a vivermos intensamente, sem nada eliminarmos e comprimirmos de nós mesmos.

Quanto mais prolongo a minha viagem pela Italia, menos compreendo a lucta christã entre a alma e o corpo.

A harmonia entre os sentidos e o espirito é aqui perfeita. Mas a emoção particular que o artista experimenta n'esta cidade que foi o berço d'oiro da Renascença, só a podem perceber talvez plenamente as almas dotadas de sensibilidade identica.

Ao contagio permanente das obras d'arte, dir-se-ia que o passado era apenas para mim o que hontem era para os outros; e que eu revivia, realmente, uma existencia mais vehemente e mais nobre, desinteressado das accções d'este tempo de democracia em que os homens são todos eguaes,—por causa do seu pouco valor.

As sensações da Galeria dos *Uffizi* marcam no meu espirito uma phase inolvidavel, porque acabaram de me integrar, de me revelar a mim mesmo.

Ao percorrer as salas innumeraveis, onde os seculos resurgem, mais proximos de nós, a minha comprehensão da arte, como expressão suprema da vida, am-



O Padre-Eterno:—Estou a ver que tenho de mudar de casa!

(Desenho inédito de CERVEIRA PINTO)

pliou-se, por esse sentimento especial que deante das maravilhas, como no alto das montanhas, faz que o nosso pensamento se eleve acima de nós mesmos.

N'esse immenso templo pagão que encerra o que o genio dos homens creou de mais eterno, no seu culto amoroso da Forma, a *Tribuna* é a capella-mor sublime.

Sob a cupula octogonal, toda constellada de nacar, a luz accende scintillamentos de sacrario nas molduras d'ouro dos quadros que cobrem as paredes forradas de damascos purpureos; aviva a sombra luminosa d'uma espadua, d'um collo avelludado de mulher; lampeja na seda azul d'um manto ou nas perolas d'um collar; faz estremecer n'uma caricia rosea a brancura viva das cinco estatuas antigas.

Nenhum museu possui collecção mais expressiva de obras primas. Todo o genio dos maiores mestres do mundo se concentrou aqui para glorificar, no esplendor radioso da carne, a immortalidade augusta da vida.

A embriaguez dos sentidos é tão completa, que se fica um momento como deslumbrado. Fecham-se os olhos, cegados pelo refulgente offuscamento de tantas côres e formas, n'uma admiração decuplicada até ao espanto pela riqueza prodigiosa das maravilhas. E como se comprehende o orgulho d'esta familia de principes eruditos e artistas que, de geração em geração, foi accumulando um tesouro como nenhum papa ou monarca possuiu nunca.

Divinamente nua, ao meio da sala, Venus revive no alvôr immortal, tão pura como nos dias de gloria em que na villa Adriana presidia, coroada com as primeiras rosas, á festa da primavera, na luz livre do sol que a doirava sobre os jardins floridos de Tivoli, entre o côro alegre dos hymnos celebrando a mocidade e o amor. Bella entre as Venus da terra, como Venus o foi entre as deusas do Olympo, poderia dizer-se d'ella o que Ovidio dizia da que Praxiteles esculpiu no templo de Gnido—que só se conservava immovel, porque tal era a vontade dos deuses.

Toda a juventude da antiguidade desabrocha na sua cabeça que parece ter a placidez vegetativa, a serenidade meio inconsciente d'uma bella planta que cresce sem esforço, na natural eurythmia da terra e do ar, sem outro cuidado senão o de florir, sem outro fim senão o de ser feliz e de fazer a felicidade de quem a contempla. Toda a alegria do universo, todos os sonhos que têm encantado os poetas e os amantes, se exprimem n'essa bocca de marmore que parece dizer, no seu eterno sorriso:

—«O que podem dar a terra e a eternidade que valha uma só das horas que eu dou?»

Como o Fausto de Gœthe, o esculptor Cleomenes, filho do Appollodoro de Athenas, poderia gritar ao momento em que das suas mãos creadoras tu surgiste, n'um milagre de genio.

—«Para, tu és perfeito!»

Quando pela primeira vez meus olhos profanos contemplaram em ti a belleza sagrada que as frias palavras não sabem exprimir, pela emoção profunda que me inspiraste, eu reconheci que a unica religião verdadeira é a que tu proclamas, e que todas as outras que fazem curvar os homens deante dos symbolos de abstracções metaphysicas, são falsas e vãs. O ideal que realizas, na prenza da tua forma, é o mais elevado e o mais nobre que jamais existiu sobre a terra. Nunca a plenitude do ser foi tão attingida, como no tempo em que a humanidade te ergueu templos e coroou de flores votivas.

O christianismo, que conta dois mil annos, está já tão velho que os seus maiores profetas o lamentam: e o paganismo, que tem seis mil annos, está ainda tão novo como no primeiro dia. É que enquanto o mysticismo não é mais que a sombra d'uma sombra, tu celebras o culto luminoso da natureza e da vida que eternamente se renovam.

Nunca como na primeira vez em que a tua belleza se me apoderou da alma, como o sol se apodera dos olhos, eu comprehendi que a religião de que tu és uma das encarnações mais perfectas, não morreu; e que os antigos cultos continuam existindo, tão vivos como outr'ora, n'este mundo interior feito de sentimentos naturaes e instinctos ancestraes, que no nosso ser sobreviveram a milhares de mortes.

E ao inclinar-se para te beijar—como os adolescentes gregos que collavam os lábios sobre o marmore d'aquella outra Venus, tua irmã, de que falla Luciano—a ode que para ti se elevou do silencio ancioso do meu coração foi esta:

—Salvé, oh Deusa! anima-me com a tua luz immortál; que nunca em mim se extinga o culto de que tu és a deusa victoriosa e fecunda; que a minha consciencia seja sempre inspirada pela nobresa moral que vem da constante adoração da belleza; e que as tuas pequenas mãos, em cuja fragilidade omnipotente se contém o mundo, me apontem sempre, até ao meu ultimo dia, n'esse gesto de amorosa graça que guiava os deuses, o meu caminho entre os homens!

Florença.

JUSTINO DE MONTALVÃO

A República Portuguesa

A República portuguesa foi proclamada em Lisboa no dia 5 de outubro de 1910. Este acontecimento formidável tem de ficar rejistado na LÍMIA, embora em poucas palavras e num relance istórico tanto quanto possível imparcial, como compete a uma revista do jénero desta. Narrando todavia o facto concreto nas suas linhas culminantes, á que integrá-lo no tempo, pondo em relação os seus antecedentes com as modernas aspirações da pátria portuguesa, por outras palavras as suas causas com os seus prováveis efeitos. Eis tudo o que sóbriamente vamos tentar fazer.

Antes do tricentenário de Camões, realizado em 1880, ainda se acreditava na viabilidade da monarquia. O partido republicano não passava então de um pequeno grupo de utopistas. Na ignorância crassa em que jazíamos, a celebração do tricentenário, proposta por jente estudiosa e independente, se fez reviver as nossas glórias passadas, revelou também os nossos erros. A seguir á epopeia das descobertas, que o nosso grande poeta nacional cantou, evocou-se o desastre de Alcácer-Quivir, evocou-se... o resto. E assim a istória nos foi patenteando a cumplicidade dos reis da casa de Bragança na má politica que feriu a alma popular. Para mais, viu-se como o constitucionalismo se corrompera e como a fraqueza dos governos deixava esquecer os compromissos que os grandes estadistas do passado contraíram com o futuro. Sorrateiro o tempo se escoava numa apatia ingloria. Os jesuítas e as ordens religiosas, que a ousadia do marquês de Pombal e o liberalismo de Mouzinho da Silveira, expulsaram e dissolveram, foram-se de novo agrupando em Portugal. Pouco a pouco, entre os indifferentes e os crentes, ganharam terreno. Em breve dominaram os príncipes, os aristócratas, os financeiros, o povo ignorante e, sobretudo, as mulheres. A obra da emancipação das consciências, assioma social em que todo o progresso assenta, parecia um problema insolúvel dentro da monarquia. Que fazer?

Como nem o rei nem os governos deixavam de favorecer a coacção jesuítica, os espiritos liberais voltaram-se para o republicanismo. E a luta começou. O *ultimatum* inglês pôs em foco a subserviência monárquica. Daí resultou, como corolário lejítimo, o movimento portuense de 31 de janeiro. Tempo depois, o caso Calmon separou ainda mais os conservadores e os liberais. Ficaram dum lado os oportunistas, os aristócratas, os altos funcionários, o clero, incluindo a maioria do clero secular sujeita a Roma pela politica dos bispos; ficaram do outro os revolucionários, os independentes, as classes trabalhadoras e os omens cujo espirito, libertado pelo estudo e progresso das ciências, se abria para a fraternidade e para a esperança.

Conseqüentemente, do lado dos republicanos organizaram-se comissões nas cidades de provincia, fizeram-se congressos e conferências, estudaram-se programas de administração e reformas legislativas, formaram-se sociedades secretas. Os outros rotinavam. Por seu turno, os liberais independentes movimentaram-se em conferências, ligas, escolas, associações de operários e de socorros mútuos. Então os reaccionários alarmaram-se. Usaram da calúnia e da mentira. Inquisicionaram as almas. Organizaram também confrarias e associações, como: *Deus e Patria* (os jesuítas), as *Missões ultramarinas*, o *Apostolado da Oração*, o

Coração de Jesus, o *Coração de Maria*, a obra da *Santa Infância* (para as crianças), as *Marianas* ou *Filhas de Maria* (para o secco frájl)... (Jentes timoratas, ou manhosas, caíam de joelhos, e a bolsa da Companhia de Jesus enchia-se de dinheiro). Traficaram com as indulgências. Intimaram ao clero *exercícios espirituais* em locais próprios. Plajaram da velha organização fradesca os *directores espirituais*. Promoveram peregrinações. Prêgaram. Denunciaram. Intrigaram. Entretanto, no trono, o rei dava a bênção aos jesuítas e mandava para o inferno os liberais.

Sôbre isto, surjiu um govêrno que, assumindo um jesto messiânico de economia e moralidade, só teve em vista fortalecer o poder rial e usar discricionariamente das manhas dos clericais. Sem a sanção do Parlamento, lejislou, a contento dos seus amigos, medidas de excepção. Acorrentou a imprensa periódica; amalgamou atentados anarquistas com outros crimes políticos; e tentou empolgar o esêrcito aumentando o soldo dos officiais. Perseguidos como feras, os republicanos, no dia 28 de janeiro de 1908, empreenderam a insurreição. O ministro, percebendo o intuito, esijiu então do rei o ostracismo dos chefes. Prendera-os e o movimento malogrou-se. O ministro da justiça obteve do rei D. Carlos uma lei draconiana. O rei, referendando-a, julgou assinar, ao que disseram, a sua sentença de morte. E de facto, regressando a Lisboa em 1 de fevereiro, foi morto no Terreiro do Paço, assim como o príncipe rial D. Luís Felipe, por alguns populares.

Muito novo ainda, D. Manuel, o filho mais novo de D. Carlos, tomou a coroa. Vira o assassínio do pai e do irmão. Fôra elevado ao trono por surpresa, duplamente enlutado. Todos os portugueses, mesmo os republicanos, sentiram piedade pelo moço rei. Um ministério liberal amparou a malfadada criança. Mas a rainha-mãe, submissa aos clericais, e êle próprio, intimidado pelos cortesãos, não gostavam do ministro que os tartufos cognominaram: *macavenco*. Um pretêsto fútil serviu para demitir o ministério. Vieram outros. Desencadeou-se o ódio pessoal. Tentaram-se perseguições. Como no tempo da rainha D. Maria 2.^a, falou-se, com lingua de papo, da intervenção estrangeira. E para essa jente que não trabalhava, que intrigava e que só vivia á custa do Estado, o que era o povo? Uma canalha...

E contudo, em Portugal e lá fora, os delegados do Directório Republicano trabalhavam sem descanso. O doutor Miguel Bombarda, chefe dos elementos liberais, foi eleito pelos republicanos deputado por Lisboa. Lojas de «Carbonários», mesmo sob as garras da policia, não esmoreceram na conspiração. Farto de prevenções e suspeitas, o esêrcito só esperava a oportunidade. A marinha estorcia-se na impaciência. A independência da pátria periclitava sob as sujestões palacianas. Mas o dia da libertação chegou enfim.

Na véspera da revolução um doído matou o doutor Bombarda. O povo julgou que o braço do assassino fôra armado pelos reaccionários. Caiu o lume no rastilho. Imediatamente, aproveitando o ensejo, o almirante Cândido dos Reis, chefe dos conspiradores, deu o sinal da revolta; e á uma ora da noite seguinte, sôbre o Tejo, um vaso de guerra cumpriu a ordem. A maioria dos sarjentes e dos soldados de artilharia 1 e de infantaria 16, aussiliados por muitos populares e alguns officiais, saíram dos quartéis, em pé de guerra. Encontrando forças da Guarda Municipal travaram combate favorável aos republicanos que foram logo construir barricadas na Rotunda da Avenida da Liberdade. A marinha de guerra insurjiu-se a primor. Algumas tropas julgadas fieis ocuparam o Rossio. A cavalaria da Municipal, fiel á monarquia, quis carregar, mas o fogo dos canhões dos revolucionários e algumas bombas lançadas por populares dizimaram-lhe as fileiras. Comandada pelo bravo e lial Paiva Couceiro, a artilharia de Queluz combateu em defesa das velhas instituições e ainda tentou o assalto á Rotunda, sendo afinal vencida pelos insurrectos que, sob a direcção serena e eroica de Machado Santos, não desanimavam. Ao passo que estas lutas ensangüentavam algumas ruas de Lisboa, o rei abandonou o paço, já bombardeado pelo *Adamastor*, e fujuiu para Mafra aonde no dia seguinte as duas rainhas chegaram. Em Cascais, o príncipe rial D. Afonso, tio do rei, foi recolhido a bordo do iate *D. Amélia*. Este navio parou em frente da Ericeira para receber a familia rial. E enquanto em Mafra era proclamada a República,—na Ericeira, três léguas para oeste, o rei e as rainhas, muito umildemente, á pressa, sem dinheiro nem bagajens, embarcaram para o esílio.

Sem um motim, sem um jesto sincero e ousado de protesto, três dias depois, em Portugal inteiro estava proclamada a República. Sob a presidência do grande

escritor e filósofo Teófilo Braga, o governo provisório tomou conta do poder. O povo vencedor não eserceu violências. Depois de combater policiou. E a Europa ficou tolhida de admiração ao saber que nos dias subsequentes à revolução não ouve em Lisboa saques, represálias, sequer crimes comuns, mas uma intensa e confortante alegria.

Todavia a ordem não esclui a limpeza. Varreu-se logo o lixo mais corruto. Espulsaram-se os jesuítas e as congregações. Ordenaram-se inquéritos. Trata-se de verificar os crimes de alguns funcionários da monarquia. Apuram-se leis num sentido mais prático e liberal. Trabalha-se, enfim. Desce-se das nuvens para a terra. Abraça-se a civilização. Tenta-se viver. Organiza-se a paz. E como a paz é fecunda e o trabalho fortalece, o coração dos portugueses abre-se d'ora-avante, mais jeneroso e ousado, para o progresso e para a esperança.

JOÃO DA ROCHA



Os dois últimos inventos de Edison

O conhecido sábio norte-americano Tomás Alva Edison, a quem na sua pátria chamam popularmente o *Bruxo de Menlo-Parque*, tornou, á meses, públicos dois inventos seus.

Um de êles consiste em *casas de massa*. Edison construiu *moldes-para-casas*, de aço, que se armam em algumas horas; os espaços apropriados de êsses moldes são cheios de massa especial, semi-líquida ao vasar-se e que depois se endurece. Retiram-se os moldes, e fica pronta a casa, com os cômodos que se desejem, ijiénica, resistindo ao fogo, aos terremotos, ao furacão, á chuva, ao tempo.

A outra invenção consiste em carros-eléctricos portadores da electricidade necessária para o seu movimento. São de feitura relativamente fácil, e, como as casas de que atrás falámos, de não grande custo. As instalações ficam também baratas: não á postes, arames, cabos transmissores, etc.

Com os novos acumuladores de electricidade, o carro pode percorrer 50 quilómetros sem renovar a carga eléctrica.

O «606» na doença-do-sono

Ainda se não sabe empregar o 606 no tratamento da sífilis, e já o medicamento, apenas á seis meses em circulação, é ensaiado na cura de outras doenças.

Os esposos Yakimoff estudaram a acção do dióesi-diamido-arseno-benzol na doença-do-sono experimental do rato, relatando á «Sociedade de Patolojia esótica», de Paris, que os parasitas desapareceram do sangue uns quarenta e cinco minutos depois da administração do 606, avendo recidiva sómente em dois casos, de quatorze observados. Os esposos Yakimoff concluem que o 606 é um bom medicamento pelo menos para a doença-do-sono experimental.

Layeran, que também fez experiências análogas em cavias, considerou o 606 um agente terapêutico igual, mas não superior, ao atocsil.

«Académie des Goncourt»

Nesta academia, foi eleita, para substituir Júlio Benard, a senhora Judite Gautier. É a primeira vez que uma mulher ali entra,—mulher esta de nome glorioso e que já aos dezassete anos escrevia o romance *Le livre de Jade*.

Poetisa, dramaturga, romancista, fina observadora e fértil de imaginação—Judite Gautier onra o pai, Teófilo Gautier. Foi, ainda muito nova, esposa de Catulo Mendes, de quem se separou.

C. B.

A exposição internacional de Turim

No ano próximo, a cidade de Turim terá uma exposição internacional a que concorrem quasi todas as nações da Europa. Os trabalhos começaram já, e todas as construções devem ocupar uma área de 280.000 metros quadrados nas margens do Pó.

J. P.

O maior navio do mundo

No dia 20 de outubro foi lançado ao mar em Belfast, o maior navio que até oje se tem construído. Foi batizado com o nome *Olympie*. Tem de comprimento 271 metros e de largura 29 metros e 70 centímetros. Desloca 45.000 toneladas e a sua equipagem é formada por 860.000 omens. Pode conduzir 2.500 passageiros que teem á sua disposição cafés, salas de leitura e de baile, jínasios, piscina, teatro, grandes espaços para jogos atléticos, etc.

As cataratas do Niagara

As grandes oficinas em construção nas margens do Niagara modificaram, barbaramente, o pitoresco célebre da sua paisagem. E logo que os trabalhos terminem, as quedas de água ficam notávelmente reduzidas.

Aeronáutica

Todos os meios de locomoção teem sido utilizados nas guerras. E assim já se pensa seriamente em aproveitar os novos meios de locomoção aérea em próssimas lutas entre os omens. Nas grandes manobras militares francesas, realizadas em setembro na Picardia, ficou bem definido o valor do aeroplano como instrumento de reconhecimentos. E depois a arrojada travessia dos Alpes, levada trágicamente a cabo pelo desditoso *Chavez*, veio ainda mais confirmá-lo.

Últimamente dois dirigíveis, *Bayard-Clément* e *Mornig-Post*, fizeram com successo a viagem Londres-Paris, e logo o governo inglês adquiriu o primeiro por preço elevado.

Todas as nações guerreiras começam a preocupar-se profundamente com a construção de flotilhas aéreas e por sua vez as grandes casas construtoras de artelharia procuram activamente a solução prática de obter meios de defesa contra os futuros improváveis ataques dos cruzadores e torpedeiros aérios.

Os officiaes do aeródromo de Chalais-Meudon teem últimamente experimentado numa das plataformas da torre Eifel um novo meio de ataque contra os dirigíveis inventado pelo capitão Sazerac de Farje.

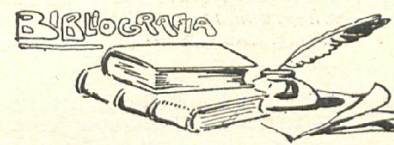
O novo processo supõe o atacante em plano superior ao atacado e consiste em aquele deixar cair sobre êste uma

seta que, devido á sua construção especial conserva sempre a ponta para baixo, de modo que ao chocar com o envólucro do dirigível o atravessa rapidamente.

Os primeiros ensaios feitos sobre pequenos balões amarrados na base da torre Eifel deram esplêndidos resultados.

Mas é necessário atender a que os alvos que serviram na experiência citada eram ficos e portanto relativamente fácil dar a desejada direcção á seta; a principal difficuldade está precisamente, em atinjr o alvo no caso de tanto êle como o atacante serem móveis.

J. P.



Rejstam-se todas as publicações recebidas. Das obras de que sejam recebidos dois exemplares, dar-se-á noticia critica.

Comptes-rendus sur les livres paraissants soit en langue portugaise, soit en tout autre langue, pourvu que deux exemplaires en soient envoyés á la redaction.

1—DIEGO DUBLÉ URRUTIA—«*Algunos Aspectos de la cultura brasileña*», conferencia leida en la Universidad de Chile el 25 de Junio de 1908». 62 pájinas, 19x13.; br; (Imprenta Cervantes, Santiago, Chile).

É um trabalho perfeito de um escritor de saber e de talento. O A.,—estudando com indiscutível brilho a evolução histórica do Brasil, vincando-lhe as principais fases e os caracteres de maior vulto,—refere-se aos portugueses com verdade e com intelljénica, mostrando-se conhecedor profundo da nossa raça e da nossa história.

O opúsculo é um ino entusiástico ao esforço brasileiro, tenaz e orientado, orijinal e fecundo, que logrou pôr o Brasil entre as nações da vanguarda, avantaçando-se-lhes no seu espirito jeneroso, liberal e progressista.

C. B.

2—A. D. WHITE—*Historia da Lucta*

entre a *Sciencia e a Theologia*. Tradução de Carlos Babo e Manuel Bravo. 460 páginas, 23 × 16; br. 800 réis. Lisboa, 1910. (Edição de Carlos Babo e Manuel Bravo, Lisboa).

3—SOUZA VITERBO—*Noticia ácerca da vida e obras de João Pinto Delgado*. [«Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias, de Lisboa, Nova Série, 2.^a classe. Sciencias moraes e politicas, e bellas artes. Tomo XII. Parte II. N.º 1»]. 35 páginas, 30 × 23; br.: com «fac-similê do rosto das obras poeticas de João Pinto Delgado». Lisboa, 1910 —por ordem e na tipografia da Academia, com «Parecer da secção respectiva».

4—ALEXANDRE FONTES—*A Questão orthographica*. 32 pág. 21 × 14, br. 100 réis. Lisboa, 1910. (Edição do A.)

*

5—BOLETÍN DE LA REAL ACADEMIA GALLEGA. Publicação mensal corunhesa, incluindo artigos e documentos valiosos. Administração: Riego de Agua, 38, Corunha. Assinatura: ano, 4 ptas na Espanha e 5 nos mais países; núm. avulso 0,30. Recebidos os n.ºs 37 e 38, referentes a setembro e outubro.

6—REVISTA DE MANICA E SOFALA. Publicação mensal ilustrada, tratando assuntos relativos ao território de Manica e Sofala e aos seus habitantes. Director: F. da Costa Freitas. Redacção e administração: r. de Castilho, 27, 3.º, Lisboa. Assinatura: série de 12 n.ºs 2\$000 rs. em Portugal e 3 frs. no estrangeiro; núm. avulso 200 rs.

Recebidos os n.ºs 78 e 79, referentes a agosto e setembro.

7—REVISTA DE CHIMICA PURA E APPLICADA. Publicação mensal de grande merecimento, de que são redactores e proprietários os profs. Ferreira da Silva, Alberto de Aguiar e José P. Salgado. Tem a colaboração dos químicos portugueses e de alguns estrangeiros. Redacção e administração: r. da Fábrica, 80, Pôrto. Assinatura: um ano, 2\$500 rs. em Portugal e na Espanha; nos outros países, 20 frs. Núm. avulso, 250 rs.

Recebidos os n.ºs 1.8, 69 e 70, referentes a agosto, setembro e outubro.

8—A MEDICINA MODERNA. Revista mensal dirigida pelo dr. Oliveira Castro e de que é redactor o dr. Ferreira de Castro, collaborada por muitos médicos portugueses. Redacção e administração: r. da Boa-vista, 418, Pôrto. Assinatura: ano, 1\$000 rs. em Portugal, 1\$500 no Brasil, e 1\$200 nos restantes países; núm. avulso, 100 rs.

Recebido o n.º 202, referente a outubro.

9—O TRIPEIRO. «Repositório de noticias portugalenses», publicandose nos dias 1, 10 e 20 de cada mês. Director: A. Ferreira de Faria. Redacção e administração: r. Formosa, 199, Pôrto. Assinatura: semestre, em Portugal, 700 rs., no Brasil e colónias port. 800 rs.: núm. avulso, 40 rs.

Recebido o n.º 84, referente a 20 de outubro.

10—ILLUSTRAÇÃO VILLACONDENSE. Publicação mensal, de luxo, dirigida por J. M. Pereira Sobrinho. Redacção e administração: aven. Campos Enriques, 96, Vila-do-Conde. Assinatura: ano, 1\$200 rs. em Vila-do-Conde, 1\$400 para o resto do país, 2\$500 no Brasil.

Recebido o n.º 9, referente a setembro.

11—LA CRITIQUE, revista ilustrada internacional, independente, de arte e literatura, de que é redactor Jorge Bans. Publica-se em Paris e é o boletim oficial da «Association de la critique». Redacção e administração: *boulevard Latour-Maubourg, 50*, Paris (7.º A). Assinatura: ano, 5 francos em França e 6 francos nos mais países. Edição em papel Japão, 10 francos; número avulso, 50 cent.

Recebido o n.º 279, referente a outubro.



Dr. Miguel Bombarda

O doutor Miguel Augusto Bombarda, que á 18 anos dirigia o Hospital de alienados de Rilhafoles, nascera em 1851. Não tinha pois ainda 60 anos esse psi-

quiatra illustre que a mão inconsciente dum doido, movida talvez por sugestões estranhas, assassinou na ante-véspera da Revolução. Na deprimente apatia em que, para o fim da administração monárquica, avia caído a gente portuguesa, Miguel Bombarda, contradizendo-a, sobresaia, não só pelos seus trabalhos científicos, como pela sua actividade intelectual e valorosa.

Era lente da Escola Médica de Lisboa. Dirijiu de 1878 a 1882 o «Correio Médico». Fundou, e dirijiu de 1883 a 1886 e de 1898 a 1899 a «Medicina Contemporânea». Teve parte activa na «Liga Nacional contra a tuberculose» e organizou brilhantemente em Lisboa um congresso jeral de medicina. Collaborou em muitas publicações médicas portuguesas e estrangeiras e escreveu valiosíssimos livros, dos quais destacamos, pela celeuma que levantou nas ostes reacconárias, *A consciencia e o livre arbitrio* (1898), a que se seguiu, como resposta a uma critica acerada do padre jesuíta Sant'Ana, professor no colégio de Campolide, *A ciencia e o jesuitismo, réplica a um padre sábio* (1900).

Mais que nenhum outro, serviu nestes últimos tempos, entre nós, a causa da liberdade de consciencia, pondo-se à testa da «Junta Liberal», publicando folhetos, organizando inquéritos e fazendo conferências em diferentes pontos do país. Á pouco menos dum ano, desiludido da monarquia, filiou-se no partido republicano, tomando logo nele um dos primeiros lugares. Estava eleito deputado por Lisboa e fôra um dos organizadores da Revolução, que a sua morte precipitou.

O assassinio do Dr. Bombarda produziu no país uma impressão profunda. Depois de ferido, anteendo a morte, teve ainda serenidade para fazer destruir deante dos olhos um papel *com-prometedor* (talvez o plano da revolta) que tinha na sua carteira. Morreu, e logo a seguir rebentou a Revolução. Congregações e Jesuítas foram espulsos, como era dever.

Bombarda não teve a suprema alegria de ver implantada a República e esecutado o acto de justiça por que tanto batalhara. Mas o governo provisório e o povo livre não foram ingratos. Os seus funerais e os de Cândido dos Reis foram uma verdadeira apoteose. Mais de 200:000 pessoas lhes escoltaram os féretros. E os estrangeiros que presenciaram esta manifestação gigantesca, e ao mesmo tempo observaram a cordura

e a alegria do povo de Lisboa nos dias consecutivos aos da libertação, poderão dizer nas suas terras que, com o advento da República, Portugal adquiriu mais condições de vitalidade, porque dispõe de quatro dos mais valiosos elementos de progresso: liberdade, enerjia, ordem e trabalho.

J. da R.

Almirante Cândido dos Reis

De todos os episódios do período revolucionário dos dias 4 e 5 de outubro, o que mais dolorosamente impressionou os republicanos portugueses foi o suicídio de Cândido dos Reis, chefe militar da revolta.

No meio do entusiasmo da vitória, uma lágrima deslizava dos olhos dos ousados combatentes da República; todos os velhos republicanos portugueses, tanto os que tinham oferecido a sua vida no acto da revolta, como aqueles que de á muito davam à causa da República toda a sua dedicação e energias sem contudo poderem concorrer com o seu esforço directo no acto revolucionário.—Todos sentiam a grandeza do sacrificio que nas aras da libertação da Pátria fizera o partido republicano. Carlos Cândido dos Reis era o tipo perfeito do revolucionário que consagra todas as suas forças a uma causa que considerava nobre e alevantada. Catiyante, sem amabilidades ipócritas; enérjico, sem esaltações; prudente, sem excessos de desconfiança; organizador, sem desalentos—foi por muito tempo um vencido em todas as suas tentativas de revolução. E veio a acabar, ainda vencido naquella que levou a cabo a realização do seu ideal!

Á muitos anos já, era Cândido dos Reis comandante da velha corveta *Sa-gres*, fundeada no Douro para navio-escola. Conspirava-se então no Pôrto, na intenção de fazer-se em o norte um movimento republicano. A uma reunião de officiaes e civis realizada de noite num escritório do rés-do-chão da rua da Pícaria, foi pela primeira vez Cândido dos Reis,—que avia pouco tempo viera tomar o comando da velha e gloriosa corveta.

Conhecidas já as suas ideias democráticas, falaram-lhe, e fácilmente accedera a unir-se aos conspiradores.

Nessa noite, Cândido dos Reis, sin-jelamente, prometeu ir à revolta com a

sua jente e levar uma peça pequena de desembarque. *Pouco é, explicava êle, mas sempre vale a pena, que tenho lá boa jente*

Depois discutiram-se os elementos que avia, os planos de propaganda e aliciação, e o plano do movimento. Cândido dos Reis tudo via com clareza de percepção, tudo previa com faculdades extraordinárias de organizador, a todos se impôs pela sua energia sem alardes, que o seu olhar vivo e penetrante confirmava, e que se aceitava como um dogma.

Nessa mesma noite, todos num acôrdo unânime, pediram a Cândido dos Reis que fosse o chefe, que arcasse com as responsabilidades da direcção do movimento. E Cândido dos Reis, com a mesma sinjeleza com que prometera trazer a *peçazita*, aceitou!

O movimento falhou pela dispersão de alguns officiais e, se bem me lembro, pela saída de o Pôrto do próprio C. dos Reis, transferido de situação.

Creio que foi este o primeiro passo de conspirador de Carlos Cândido dos Reis. O último foi na trágica madrugada do dia 4 de outubro.

¡ Sempre vencido!... mas perpétua-mente grande!

Viana-do-Castelo

C. Maia Pinto

Álvaro Cerveira Pinto

Só os poucos que dedicadamente se interessam pelas coisas da arte poderão ter na memória o nome que encima estas dolorosas linhas.



ÁLVARO CERVEIRA PINTO

È que Álvaro Cerveira Pinto era um novo, apenas com 16 anos, apesar do seu extraordinário talento já com uma realização perfeita e consciente, — talento que a morte, á dois meses, roubou a um glorioso futuro.

Os múltiplos aspectos do seu alto espirito alimentavam a mais profunda admiração de quantos com êle conviviam e que naquela criança, animada de divino fogo, se acostumaram a ver um artista consumado.

O traço audacioso das suas caricaturas, as únicas espressões que o público conhece da sua arte, ficava aquém do vigor e correcção das suas faianças; nas paisajens a óleo ou a pastel cantava sempre uma epopeia de luz e côres numa harmonia toda feita de contrastes, — e, a caracterizar a sua pequena mas inconfundível obra, uma esuberante ima-



ÁLVARO C. PINTO
(Auto-caricatura)

ginação guiada por um verdadeiro sentido estético, criado em viagens e em leitura convenientemente derivada.

Num meio artistico tam pobre como o nosso, a sua perda, que tanto nos feriu, é irreparável, e o público em breve poderá reconhecê-lo, porque um grupo de admiradores procura reunir em livro algumas espressões dêsse talento, que era a esperança de tantos que querem ver em afirmações artisticas o ressurjimento de um povo.

Coimbra

Luís Felipe

Omens portugueses

Sob este título jeral encetou o sr. Sanches de Castro, em publicação semanal, uma serie de caricaturas dos nossos omens públicos mais em vista. A avaliar pelos esemplares, que pelo autor nos foram oferecidos, deve a publicação obter grande e seguro successo. De resto, o sr. Sanches de Castro é um caricaturista de largo futuro e já oje destaca entre os novos, não apenas pela sua orijinalidade, mas pela sinjeleza de processos, acertado lance de vista e inteira intuição psicológica com que trata os seus... biografados. Agradecendo a oferta, desejamos ao sr. Sanches de Castro o êxito a que tem direito.

J. da R.

Composta e impressa na tip. de André J. Pereira & Filho—Viana-do-Castelo.

Ajência comercial e marítima

LEGALMENTE ABILITADA

de

Joaquim L. G. Moreira & C.^o

AJENTES

de todas as «Companhias marítimas» da Adega Central do Minho e Douro de companhias de seguros. § § §

Venda de passagens para o Brasil e África. Passagens abonadas a 3, 4 e 6 meses. Solicitam-se passaportes e documentos para os obter. Tratam-se de licenças aos reservistas de 1.^a e 2.^a reserva.

Despachos de vinhos e outras mercadorias para todas as partes.
Comissões, consignações e c. propria etc.

Preça da Republica, 37
Viana-do-Castelo

ADVOGADOS

Alexandre Amorim
e João da Rocha Páris
R. S. Sebastião, 250—VIANA

“Varões Assinalados,”

Publicação humorística, quinzenal a côres

O mais luxuoso e artístico jornal de **CARICATURAS** que se tem publicado no país.

Caricaturas de **Francisco Valença**
Artigos dos mais espirituosos escritores.

Preço **60 réis**

Assinatura por série de 12 n.^{os} 720 rs.
Administração: R. N. do Almada, 36-3.^o

LISBOA

MATERIAL PARA TIPOGRAFIA

Pedro José de Lima

R. do Correlo, 38-1.^o

Pôrto

Representante de diversas fundições de tipos e máquinas.

Deposito de material branco, tintas, massa para rôlos e todos os pertences para as artes gráficas.

BAZAR
COUTO
VIANA

Única casa onde se encontram **POSTAIS** com vistas, trajes, monumentos e costumes de **VIANA** e do **MINHO**. Sortido completo de papeleria, louças, cristais, quinquilharias etc.—*Praça da Republica, Viana-do-Castelo.*

LIVRARIA ACADÉMICA

de **Moura Marques**

Rua Ferreira Borjes, 171
Coimbra

Esta casa, fundada em 1900, tem sempre as mais recentes novidades literárias e científicas, portuguesas e estrangeiras, recebendo diariamente pelo correio as novidades de maior interesse, para o que tem correspondentes em todos os países da Europa.

Satisfaz de pronto toda e qualquer encomenda que lhe seja feita de livros ou jornais científicos e literários, aceitando assinaturas para toda a qualidade de periódicos e revistas.

Responde na volta do correio a qualquer pergunta que lhe seja dirigida.

Compromete-se sempre pela execução jeral de todo o serviço de livreria, pois que nada é executado sem que previamente seja verificado e autorizado pelo proprietario.

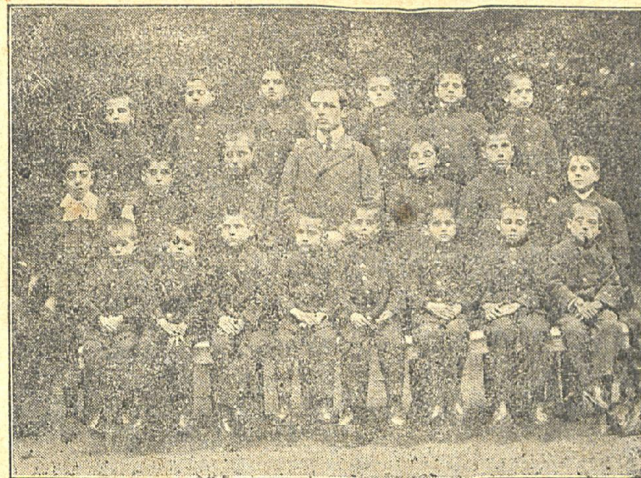
Todos os meses fornece Bibliografias aos seus clientes e a quem lhos requisite.

Para todos os esclarecimentos, pede-se a fineza de se dirigirem á

Livraria Moura Marques — Coimbra

INSTITUTO DE CEGOS DO PORTO

Rua Ferreira Cardoso, 108 — Campo do Cirne
Director: **Miguel Mota**



Pode ser visitado todos os dias úteis das 2 às 4 horas da tarde



Sociedade Cooperativa de Viana-do-Castelo

Rua de S. Sebastião, 65 Venda a toda a gente.—Vantagem aos sócios.

Jêneros de mercearia de primeira qualidade a preços sem competência. Especialidade em azeite finíssimo recebido directamente das melhores procedências (Castelo-Branco e outras).

Os sócios desta Cooperativa tem um desconto de 3 % nas compras que efectuarem nos *Grandes Armazens do Minho*—Praça da Republica, 15.

Grandes Armazens do Minho

de

J. RODRIGUES PINHEIRO

Uma das primeiras casas de modas do norte de Portugal. O primeiro estabelecimento do Minho. **36 secções**

FATOS À LAVRADEIRA—À VIANESA

MODAS Fazendas, sedas, lanificios, veludos, rendas, cotins, riscados, morins, panos crus, etc. etc.

CONFECÇÕES Chales, lençaria, camisaria, enxovais, artigos militares e eclesiásticos, estofos, gravataria, artigos de decoração, etc.

Secção de alfaiataria, dirigida por pessoal competente. **Viana-do-Castelo**
Vendas para as colónias portuguesas e para o Brazil. (PORTUGAL)

PHOTOGRAPHIA FILGUEIRA

Trabalhos em todos os jêneros; arte, perfeição e conservação garantidas

RUA DE S. SEBASTIÃO
VIANA-DO-CASTELO

LIVRARIA ACADÉMICA E RELIQUIOSA
de **Eliseu G. Preza** VIANA DO CASTELO

Grande variedade de livros de missa, religiosos, etc.—Papeleria e objectos de escriptorio.—Assinaturas de todos os jornaes de modas.—Encadernações e bilhetes de visita.—Músicas, estampas e objectos de piedade e devoção.—Compra e vende livros antigos e usados.

Algumas opiniões sôbre a «LÍMIA»

...Esta revista, de incontestável merecimento, tem sobretudo a vantagem de estar ao alcance das bôlsas mais modestas.—[DIÁRIO DE NOTÍCIAS (Lisboa), n.º 16:142]

...O público terá ocasião de apreciar, no jênero, a única e esplêndida tentativa literária que se tem feito no nosso meio nos últimos tempos.—[A AURORA DO LIMA (Viana-do-Castelo) n.º 8:179]

...o 1.º n.º da *Límia*, que achei interessantíssimo.—[A. R. Gonçalves Viana]

...O 1.º número da revista que acho magnífico! Oxalá assim continue como bem espero.—[Manuel Monterroso]

...galharda revista minhota. De bom agouro considero a graciosa despreensão do 1.º fascículo; sempre receei as apresentações faustosas. Simpatiza-se com o ar sinjelo da *Límia*.—[F. Alves Pereira]

...o 1.º número da *Límia*, que achei muito interessante. Oxalá que ela tenha longa vida e que o público corresponda à boa-vontade com que foi lançada à publicidade.—[Francisco Valença]

...La nueva revista, que dirige el... escritor lusitano João da Rocha, contiene interesantes trabajos... Saludamos á la nueva publicación y deseamosle la vida larga y prospera que por su indiscutible valor literario y artístico merece.—[LA REGIÓN (Orense), n.º 215]

Não se trata de livros, nem de livrinhos, nem de livrecos. Trata-se de uma nova revista... Como é das melhores coisas que o correio nos tem trazido, tomamos a liberdade de transcrever uma beleza de versos, que bastariam para que a recomendássemos a toda a jente de bom gôsto. (segue a *Montanha*, de J. de Barros). [O SÉCULO, *Suplemento Ilustrado*, n.º 677]

LÍMIA. Com êste titulo appareceu uma bem cuidada revista... No próximo n.º a LUZ publicará um artigo de apreciação...—[LUZ (Pôrto), n.º 12]

Está distribuído o 1.º número desta magnifica revista, que se publica em Viana-do-Castelo. E colaborado por nomes escolhidos, e alguns dos seus artigos são notáveis. Afigura-se-nos que a interessante revista tem deante de si um largo futuro. A parte artística é também de primeira ordem. [O IMPARCIAL (Lisboa), n.º 249]

...o 1.º número desta revista ilustrada de letras, ciências e artes... A edição é elegantíssima e o teisto interessante.—[A REPÚBLICA PORTUGUESA (Lisboa), n.º 21]

Casas depositárias da “Límia,, em Portugal:

Em Lisboa—*Paulo Coelho de Albuquerque* (ajente), R. de S. Bento, 510, 2.º, E. Tabacaria Mónaco, Rossio, 21.

No Pôrto—*Livraria Magalhães & Moniz* (ajentes), L. dos Lóios, 10-14.

Em Coimbra—*Livraria Moura Marques* (ajente), R. Ferreira Borjes, 171.

Em Braga—*Livraria Cruz & C.ª*, R. N. de Sousa, 127-133.

Aceitam-se ajentes onde os não á